



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

LUÍSA FIALHO BOURJAILE

**AS METÁFORAS NO *SITE* NUNO COBRA CORPO E MENTE:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A REVISÃO TEXTUAL**

Brasília
2015

LUÍSA FIALHO BOURJAILE

**AS METÁFORAS NO *SITE* NUNO COBRA CORPO E MENTE:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A REVISÃO TEXTUAL**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso da
Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão
de Texto.

Orientadora: Profa. Me. Denise Silva
Macedo

Brasília
2015

LUÍSA FIALHO BOURJAILE

**AS METÁFORAS NO *SITE* NUNO COBRA CORPO E MENTE:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A REVISÃO TEXTUAL**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso da
Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão
de Texto.

Orientadora: Profa. Me. Denise Silva
Macedo

Brasília, 23 de março de 2015.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Profa. Dr. Edineide dos Santos Silva

Orientadora: Profa. Me. Denise Silva Macedo

A Deus, meu eterno mestre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, irmãos e familiares, responsáveis por grande parte da sabedoria que adquiri durante a vida, o amor que sempre me impulsionou a seguir adiante. Ao meu noivo e companheiro de todos os dias, a vivência comigo de tantas experiências de vida, a paciência nas horas mais difíceis, toda a dedicação e todo o afeto. Aos meus sogros e cunhados, as conversas, o carinho e a atenção. Agradeço aos colegas de trabalho a companhia todos os dias e o amadurecimento profissional que têm me ajudado a alcançar. Às minhas amigas queridas, presentes ou distantes, mas que sempre me proporcionam momentos de alegria, cada uma à sua maneira. Por fim, aos meus professores e professoras, que me orientaram para a conquista deste objetivo, agradeço todo o esclarecimento que me trouxeram.

A metáfora é uma racionalidade imaginativa.

Lakoff e Johnson

RESUMO

A revisão de textos, a cada dia mais, tem se tornado um trabalho de grande complexidade, tendo em vista o momento histórico presente – a chamada “Era da Informação” –, em que houve o aumento da comunicação por meio da linguagem escrita e o surgimento de novos gêneros discursivos. Desse modo, ressalta-se a importância do revisor de textos, assim como de sua qualificada formação profissional. O enfoque dado nesta pesquisa é o trabalho com metáforas conceituais, pois esse é um ponto que deve ser considerado nos processos de análise e de revisão textual. Lakoff e Johnson (2002) afirmam que nosso sistema conceitual é naturalmente metafórico, visto que é perceptível que esse tipo de linguagem faz parte do discurso cotidiano, e não apenas do discurso literário, como é do senso comum acreditar. Neste trabalho, objetivei investigar como as definições sugeridas pelos teóricos acerca de uma forma inovadora de se entender metáforas nas realizações linguísticas aplicam-se a textos atuais e cotidianos e como podem servir de auxílio para o trabalho de revisores de texto em um suporte multimodal como o *site*. Após a análise dos dados, constatei a possibilidade de intervenções, por um revisor, sobretudo, ligadas ao uso das metáforas em *sites*.

Palavras-chave: Metáforas Conceituais. Revisão de Textos. Gêneros Discursivos.

ABSTRACT

The proofreading work, more and more, has turned to be a work of great complexity, based on the present historical moment – the named “information age” – in which the written language communication has grown and new discursive genres emerged. This way, the importance of the proofreader has been highlighted, as well as his qualified professional skills. The emphasis given in this research is the work with conceptual metaphors, because this is one of the aspects that have to be considered in the process of analysis and proofreading work. Lakoff and Johnson (2002) affirm that our conceptual system is naturally metaphoric, as it is remarkable that this kind of language is part of the daily discourse and not only part of the literary discourse, as it is of the common sense to believe. In this work, the objective was to investigate how the definitions suggested by the authors about an innovative way of understanding metaphors in linguistic occurrences, apply to current and daily texts, and how they can contribute to the proofreading work in a multimodal genre as the website. After the analysis of the data, it was established the possibility of interventions, by a proofreader, above all, in relation to the use of metaphors in websites.

Keywords: Conceptual Metaphors. Proofreading. Discursive Genres.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 REVISÃO DE TEXTOS.....	13
2 METÁFORAS CONCEPTUAIS.....	17
3 GÊNEROS DISCURSIVOS: O <i>SITE</i>	28
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	33
4.1 Texto “Pensamentos”	34
4.2 Texto “Chegamos até aqui!”	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

A revisão de textos, a cada dia mais, tem se tornado um trabalho de grande complexidade, tendo em vista o momento histórico presente – a chamada “Era da Informação” – em que houve o aumento da comunicação por meio da linguagem escrita e o surgimento de novos gêneros discursivos. Desse modo, ressalta-se a importância do revisor de textos, assim como de sua qualificada formação profissional. O revisor deve trabalhar com questões referentes a aspectos microtextuais e macrotextuais (MACEDO, 2010). Por esse viés, o enfoque dado nesta pesquisa é o trabalho com metáforas conceituais, pois esse é um ponto que deve ser considerado nos processos de análise e de revisão textual.

O conceito de metáfora vai além daquele comumente associado à linguagem literária, ou seja, aquele que tem a metáfora como uma forma especial de tratar a língua. A definição desse conceito se estende à concepção de que a linguagem é, em si, metafórica, na medida em que esse recurso faz parte da constituição do pensamento e, portanto, da comunicação humana. Por meio da linguagem, o indivíduo busca expressar conceitos abstratos que, muitas vezes, precisam ser associados a termos concretos para serem compreendidos com mais clareza. É nessa relação que ocorre a construção da metáfora.

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que nosso sistema conceitual é naturalmente metafórico, visto que é perceptível que esse tipo de linguagem faz parte do discurso cotidiano e não apenas do discurso literário, como é do senso comum acreditar. Essa perspectiva foi o ponto de partida para este trabalho, que teve como objetivo analisar, à luz das premissas da revisão textual, as metáforas, mais especificamente, em um gênero bastante utilizado na contemporaneidade por sua característica multimodal, o *site*. Em outras palavras, o objetivo foi investigar como as definições sugeridas pelos autores da obra *Metáforas da Vida Cotidiana* (LAKOFF; JOHNSON, 2002), acerca de uma forma inovadora de se entender metáforas nas realizações linguísticas, aplicam-se a textos atuais e cotidianos e como podem servir de auxílio para o trabalho de revisores de texto em um suporte como o *site*.

Como objetivo secundário, visa a demonstrar a recorrente presença de metáforas em textos cotidianos, desmistificando a ideia de que o revisor de textos não trabalha com elas. Dessa forma, pretendo destacar a importância do entendimento acerca dessas construções tanto para a compreensão textual, quanto para a revisão de textos – atividade que apresenta questões ainda pouco trabalhadas em pesquisas acadêmicas (MACEDO, 2010). Acredito que a reflexão a respeito da análise de metáforas no processo de interpretação e de revisão textual em suportes virtuais pode contribuir para a atividade do leitor/revisor, que devem se atentar para essas estruturas comunicacionais tão intrínsecas ao pensamento humano. Dessa forma, espero contribuir para a atividade do revisor de textos.

Os objetivos específicos deste estudo são os seguintes: 1) demonstrar a presença de metáforas em textos cotidianos e como são de importante conhecimento para uma interpretação textual significativa; 2) relacionar o estudo de metáforas conceituais à revisão de textos e contribuir com material teórico para essa atividade. 3) demonstrar de que forma o conhecimento de metáforas auxilia no aprofundamento da compreensão e, conseqüentemente, da revisão textual, inclusive, em gêneros discursivos virtuais.

Como *corpus* de análise, foram selecionados textos retirados do *site* do preparador físico Nuno Cobra. Essa ideia surgiu de um trabalho realizado e avaliado em uma das disciplinas do curso de especialização em Revisão de Textos oferecida pelo Centro Universitário de Brasília. Nesse trabalho, analisei o *site* do treinador sob uma perspectiva crítica, envolvendo os aspectos micro e macrolinguísticos, e multimodal, tendo em vista que hoje já se defende que preocupações com imagens, com ideologias e com o tipo do gênero discursivo são de alçada do revisor (ROCHA, 2012). Ao final, concluí que os textos retirados do *site* necessitam de adequações em vários níveis.

Este estudo se justifica na medida em que o conhecimento acerca de metáforas, tal como proposto por Lakoff e Johnson (2002), é uma forma de ampliar a interpretação textual do revisor, aproximando-o das ideias propostas pelo autor. Além disso, esse entendimento propicia, ao leitor-revisor, uma maior percepção sobre como as concepções metafóricas podem ser distintas culturalmente, reforçando a compreensão das diferenças linguístico-culturais

existentes e aumentando a capacidade de discernimento dessas construções linguísticas. A recorrência de metáforas conceituais na linguagem cotidiana evidencia que o revisor depara-se com questões que as envolvem em suas intervenções textuais. Nesse sentido, a relevância deste estudo se justifica na contribuição que ele pode propiciar para a atividade do revisor de textos, trabalho de tamanha complexidade e que tem sido cada vez mais necessário.

Este estudo é também um meio de se propagar a teoria dos autores citados, a qual proporcionou inovações referentes à definição de metáfora, apresentando-a como recurso intrínseco à comunicação humana. Nesse sentido, a análise de metáforas justifica-se na possibilidade de aprofundamento em questões como as seguintes: de que forma as metáforas estão presentes nas construções linguísticas cotidianas? Como os significados linguísticos estão relacionados e como deve ser a análise desses significados? Em que nível é preciso o conhecimento acerca de metáforas e como esse conhecimento pode auxiliar a atividade do revisor de textos? De que modo o revisor pode interferir em construções metafóricas?

O gênero discursivo escolhido, o *site*, é um meio de comunicação bastante utilizado na contemporaneidade. A cultura eletrônica está evoluindo constantemente, e o *site* se tornou um gênero cuja utilização é recorrente pela facilidade de acesso e de divulgação de informações. É também um gênero multimodal, cujo conteúdo pode ser enriquecido por diversos recursos, o que tem atraído muitos usuários e leitores. Dessa forma, é evidente a necessidade de revisão textual desses gêneros discursivos.

O treinador e autor dos textos que foram analisados, Nuno Cobra, foi um dos primeiros educadores físicos a considerar a inteligência emocional do indivíduo para a melhora no desempenho cardiovascular, interligando os processos que envolvem o desenvolvimento do corpo humano. Desse modo, ele se tornou um profissional renomado e atingiu um público ainda maior com a divulgação de seu método por meio da obra *A Semente da Vitória* (RIBEIRO, 2011) e do *site* www.nunocobra.com.br (NUNO COBRA, 2014). Ficou conhecido internacionalmente devido ao trabalho que realizou com o piloto Ayrton Senna. Orientou também profissionais como Rubens Barrichello, Christian Fittipaldi e Abílio Diniz.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa incluíram a realização de levantamento bibliográfico a respeito das metáforas do cotidiano no sentido de compor os pressupostos teóricos para a análise das metáforas conceptuais retiradas dos textos apresentados no *site* do autor Nuno Cobra. A seleção dos textos para a constituição do *corpus* foi feita posteriormente, com base na leitura dos textos e na verificação das possibilidades de análise, tendo em vista a extensão que um trabalho de monografia pressupõe.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa aplicada (MAFRA, 2007), visto que busca esclarecer questionamentos em relação à análise de metáforas na atividade do revisor de textos, assim como produzir conhecimentos que auxiliem na aplicação desses conceitos metafóricos. Assim, esta é uma pesquisa de caráter explicativo (MAFRA, 2007), visto que, por meio dos procedimentos metodológicos do estudo, o foco foi descrever e explicar eventos linguísticos metafóricos com base na perspectiva dos teóricos Lakoff e Johnson (2002) e, assim, contribuir para a revisão de textos. O levantamento de dados foi, essencialmente, qualitativo, uma vez que não houve pretensão de quantificar a ocorrência de metáforas nos textos escolhidos, mas apenas apresentar, de maneira geral, a sua recorrência, assim como analisar de que forma contribuem para a construção do sentido do texto.

A exposição deste trabalho foi feita em quatro capítulos, nos quais foram apresentados, inicialmente, os pressupostos teóricos que embasaram a pesquisa – relativos à Revisão de Textos, Metáforas Conceptuais e Gêneros Discursivos – e, posteriormente, a análise dos dados, seguida de considerações finais.

1 REVISÃO DE TEXTOS

No trabalho de revisão de textos, é importante destacar o conhecimento linguístico que o revisor deve ter. Em seu trabalho, o profissional deve estar ciente das diversidades histórico-geográficas e socioculturais que envolvem a língua em que revisa. Desse modo, ele deve atentar-se para as particularidades linguísticas que são delimitadas pelo contexto em que a língua está inserida, assim como procurar atualizar-se acerca das mudanças linguísticas que possam ter ocorrido, como o Novo Acordo Ortográfico, considerando que toda língua sofre constantes modificações devido a fatores sociais e culturais.

Tendo em vista a utilidade da gramática normativa para a realização do trabalho do revisor de textos, Aristides Coelho Neto (2013) ressalta que há discussões no meio acadêmico acerca do modo como ela deve ser atualizada diante de tantas inovações linguísticas, sejam elas em função da necessidade de criação de novas palavras, seja em relação a empréstimos de vocábulos originados de outras línguas (estraneirismos) ou no que se refere à diversidade de expressões existentes entre as variedades linguísticas. Em relação a essas variedades, é relevante considerar o objetivo da gramática normativa. Ela foi criada como forma de uniformização linguística nacional, por meio da formação de uma língua-padrão fundamentada na variedade linguística das classes sociais de maior prestígio. Ao privilegiar o falar da elite, a gramática normativa constituiu um meio de exclusão dos falares das classes sociais mais baixas. Por esse motivo, fica clara a relação de poder que se propagou entre os usuários que possuem o domínio da língua-padrão e aqueles que apresentam uma variedade linguística distante dessa língua. Para o mesmo autor, o revisor de textos deve atentar-se para essas questões bastante delicadas que, dependendo da forma como são tratadas, podem acabar gerando o chamado preconceito linguístico.

Parece-nos que é apreciável que o revisor deve conhecer as várias correntes, posicionar-se bem dentro de um contexto, tendo em mente a exata variedade linguística com que lida em um determinado trabalho de revisão textual. E desenvolver o bom senso, repetimos, cada vez mais, dentro de um processo democrático de interação revisor-autor ou revisor-editor. Trata-se do desenvolvimento necessário da visão crítica do revisor. (COELHO NETO, 2013, p. 50)

No processo de determinação da variedade linguística com que trabalha, o revisor deve considerar o grau de formalidade do texto. Para isso, é importante ter em mente o destinatário da mensagem que ele produz e, assim, adequar as expressões linguísticas – de forma mais direta ou indireta, mais polida ou informal – para que elas estejam em conformidade com o tratamento que deve ser direcionado ao suposto leitor. A recorrência das intervenções realizadas pelo revisor dependerá do monitoramento que houve durante a escrita do autor. A adequação ao contexto de enunciação e à forma como deve ser transmitida a mensagem considerando o receptor é uma questão que envolve o conhecimento acerca dos gêneros discursivos. Esse aspecto será discutido com mais detalhes em um próximo tópico deste trabalho.

Em se tratando da revisão de textos, é importante referir-se ao instrumento que o revisor mais utiliza hoje: o computador, cujo surgimento trouxe novidades para a leitura e para a escrita. Os recursos que a máquina originou expandiram as possibilidades de leitura em um mesmo suporte. O computador é capaz de armazenar diversos gêneros em uma quantidade muito maior do que outros. Essa característica gerou mudanças principalmente em relação à forma como os usuários passaram a lidar com a escrita. É o que afirma Chartier (apud COELHO NETO, 2013, p. 22):

O computador é o único aparato que transmite todos os textos, qualquer que seja sua natureza: o correio, a informação do website, o jornal eletrônico, o livro eletrônico, etc. E a leitura diante do computador implica transformações muito profundas da relação com a cultura escrita.

A leitura no meio digital se tornou frequente, e diversos estudiosos começaram a indagar-se a respeito do possível desaparecimento do livro impresso devido ao surgimento do livro digital. No entanto, isso não se concretizou, na medida em que o livro impresso continuou a ser comercializado e foi evoluindo principalmente em termos de *design*, permanecendo atrativo a muitos leitores. (COELHO NETO, 2013, p.21)

Segundo Macedo (2013), a revolução tecnológica trouxe diversas inovações ao trabalho do revisor devido a mudanças na produção de textos ocorridas por causa do aumento na velocidade de transmissão da informação, do surgimento de novos gêneros discursivos, especialmente do gênero *site*, da

valorização da imagem, entre outros. Essas transformações modificaram o perfil ideal do revisor, que passou a ter que apresentar habilidades que transpusessem os limites da gramática tradicional, ou seja, que fossem além da imagem do revisor como aquele que se preocupa somente com a adequação do texto à norma-padrão da língua.

A mesma autora ressalta que a revisão de textos feita com o auxílio de recursos eletrônicos facilitou o trabalho do revisor de diversas formas, visto que muitos desses recursos possibilitaram maior eficiência e rapidez nos processos de intervenção textual. Contudo, para que o computador fosse útil, o profissional deveria ser também capacitado, conhecer suas ferramentas e saber usá-las a seu favor, além de conhecer os novos gêneros aí veiculados. Essa capacitação passou a ser um requisito exigido no trabalho do revisor, acrescentando às suas funções tarefas que eram, anteriormente, exercidas apenas pelo diagramador de textos.

Em vez de especializar ainda mais as funções, diante de tão novos e sofisticados programas de computador, a tecnologia diminuiu a fronteira entre as funções dos profissionais do texto por meio de seus programas cada vez mais amigáveis. Tais inovações impactaram, igualmente, a produção, a distribuição e o consumo desses textos destinados a um público cada vez maior, em um tempo cada vez menor, implicando a necessidade da análise de seus efeitos causais, demandando, por conseguinte, conhecimentos nessas áreas. (MACEDO, 2013, p. 35)

O revisor de textos passou a ter de lidar com múltiplos gêneros discursivos, nos mais diversos suportes e com diferentes variedades linguísticas. Além disso, com os efeitos da globalização no universo textual, ele passou a ter de apresentar uma cultura generalizada: sua atividade tornou-se mais abrangente em termos de conhecimento de mundo.

Na era capitalista, a linguagem visual tomou proporções cada vez maiores. O processo de revisão de textos passou a envolvê-la. O conceito de multimodalidade surgiu com a revisão de imagens, com base na constatação de que esse recurso pode garantir grande expressividade ao texto. Revisá-las tornou-se uma tarefa relevante para o revisor, fato que ampliou as suas possibilidades de trabalho, assim como trouxe a ele novos desafios.

Diante dessas mudanças, fica evidente a amplitude do trabalho do revisor. Pensando em maneiras de aprofundamento das análises textuais, de forma a auxiliar a tarefa desse profissional, ressalto neste trabalho, o estudo acerca de metáforas, recurso que é objeto de análise do revisor e cuja compreensão se dá no sentido de atribuir maior coerência e clareza ao texto.

No capítulo a seguir, apresento a teorização referente ao conceito e à classificação de metáforas conceptuais com base, principalmente, na abordagem de Lakoff e Johnson.

2 METÁFORAS CONCEPTUAIS

Zanoto, Moura, Nardi e Vereza, tradutores da obra *Metáforas da Vida Cotidiana* (LAKOFF; JOHNSON, 2002), introduzem o livro com um relato acerca da formação do conceito de metáfora. Os autores narram que, por muito tempo, as metáforas foram compreendidas como um recurso utilizado com o objetivo de ornamentação da linguagem. Elas eram consideradas uma forma especial de comunicação ligada à persuasão e à poética. Esse tipo de discurso, relacionado à imaginação e a analogias inusitadas, era apresentado em oposição às características do discurso científico, visto que este se baseava em uma linguagem de sentido literal, fundamentada nos processos da razão.

Os autores ressaltam que, a partir de 1970, novas abordagens trouxeram um conceito de metáfora inovador, baseado no valor cognitivo apresentado por ela, demonstrando sua fundamental importância no processo comunicativo humano. Anteriormente, era vista apenas como figura de linguagem. Hoje, passa a ser vista como essencial nos estudos das ciências da linguagem e da psicologia cognitiva.

Nesse contexto, surgiram os estudos de Lakoff e Johnson, autores que, por meio de diversas análises de enunciados da linguagem, procuraram demonstrar que o nosso sistema conceitual é essencialmente metafórico. Desse modo, os pensamentos, as ações e a linguagem humana são influenciados pelas metáforas conceituais, consideradas cotidianas, tendo em vista a recorrência com que elas aparecem no discurso do dia a dia. Desfaz-se a contraposição existente entre linguagem cotidiana e linguagem literária:

[...] a figura não é mais considerada algo desviante, marginal ou periférico, mas sim um fenômeno central na linguagem e no pensamento, sendo onipresente em todos os tipos de linguagem, na cotidiana e científica inclusive. (ZANOTO et al., 2002, p.33)

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que muitas das metáforas conceituais são construídas com base em nossas experiências corporais. Quando uma pessoa está triste, ela apresenta uma postura caída; a associação dessa postura à tristeza é perceptível na construção “ela está pra baixo hoje”, que deve ser interpretada no sentido de “ela está triste”. Por meio desse exemplo,

percebe-se a associação metafórica conceptual, formada pelo processo que os autores definem como “experenciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.24). Portanto, por meio do estudo de metáforas, é possível elucidar os processos cognitivos que envolvem a produção linguística. As metáforas podem ser vistas como “uma fonte de evidência importante de como é o nosso sistema conceptual” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.46).

Pontes (1990) ressalta que a construção metafórica se deve ao fato de que o homem compreende melhor os termos que pode visualizar e, portanto, ele tem a necessidade de associar expressões abstratas a outras mais concretas, visto que, desse modo, elas são mais bem delineadas e passíveis de visualização. Por essa perspectiva, a metáfora é uma união entre dois conceitos, realizada com o intuito de tornar mais claro um termo por meio de outro que o atribui maior clareza, enriquecendo-lhe de sentido.

Outro aspecto a respeito das metáforas é destacado por Paivio (apud PASCHOAL, 1990, p.120). Para a autora, é relevante observar o modo como as metáforas focalizam determinadas características de um termo em função da afinidade que estabelecem com as propriedades de outro termo:

Para os estudantes da linguagem e pensamento, a metáfora é um eclipse solar. Ela oculta o objeto de estudo e ao mesmo tempo revela algumas das suas mais salientes e interessantes características quando observada por meio de adequado telescópio.

Davidson (1992) considera importante ressaltar que as metáforas não apresentam nenhum sentido exterior ao que abrange as expressões que relaciona. A união estabelecida entre os significados dessas expressões parte da similaridade natural que engloba o significado original de cada uma dessas palavras. Portanto, para o autor, as metáforas não devem ser tratadas em termos de inovação linguística.

No processo de análise de metáforas, é preciso considerar também a sua fundamentação com base nos aspectos sociais, culturais e físicos que envolvem a atividade humana. Isso fica claro ao constatar-se que os valores estimados em determinada cultura são refletidos na estrutura metafórica em que se baseia a língua que a expressa. Sendo assim, o estudo desses

recursos deve considerar os aspectos contextuais que envolvem a enunciação, assim como explica Paschoal (1990, p.115):

[...] pesquisar essa figura do ponto de vista da compreensão surgiu do fato de a metáfora viva ser um fenômeno essencialmente discursivo, no qual o sujeito encontra o espaço de liberdade ao subverter as regras da língua para inscrever sua subjetividade criativa.

Uma pesquisa feita por Silva (2009), na qual a autora analisa metáforas encontradas em textos que falam sobre cotas para negros nas universidades brasileiras, corrobora essa visão. No trabalho, a autora constata que a ideologia que tem o negro como inferiorizado, discriminado e subalterno ainda persiste em nossa sociedade, o que demonstra que a construção de sua identidade ainda ocorre em desigualdade à do branco, uma questão histórica e étnica brasileira que expressa relações de poder entre esses grupos. As metáforas analisadas pela autora expressam a atribuição de características de inferioridade e de incapacidade do negro; representações que ilustram uma crença social preconceituosa e que perdura na contemporaneidade. É relevante observar que essas constatações foram feitas por meio da análise de construções metafóricas carregadas de ideologia, tais como “a coisa está preta”, “uma página negra da história” e “o mercado negro”.

Outra pesquisa que apresenta metáforas com essa significação foi realizada por Paiva (1998), em que ela evidencia o fato de muitas pessoas utilizarem metáforas preconceituosas sem terem a consciência de que o fazem, perpetuando-as de forma inconsciente mesmo que elas demonstrem aversão ao racismo:

A ironia da questão é ter o próprio negro ou pessoas que se posicionam contra o racismo agindo como veículos inconscientes de disseminação das metáforas negras e usando-as, muitas vezes, em contextos onde procuram defender a raça e sua cultura. (PAIVA, 1998, p.112)

As metáforas, do modo como são descritas por Lakoff e Johnson (2002), não estão ligadas somente à linguagem, mas servem como ponte para a compreensão do pensamento, da ação e da percepção humana. O estudo a respeito de metáforas é também a busca por entendimento de como funciona o

sistema conceptual e os processos do pensamento humano, visto que estes são fundamentalmente metafóricos. Nesse sentido, os autores afirmam que há uma sistematicidade dos conceitos metafóricos que estruturam as relações entre as pessoas.

Um exemplo claro pode ser apresentado por meio da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. As pessoas discutem tendo como base a estrutura de uma guerra: há uma estratégia e um plano para a discussão; o outro é visto como um adversário; alguém pode ganhar ou perder. Outro exemplo é a metáfora TEMPO É DINHEIRO, “pelo fato de que agimos como se o tempo fosse um bem valioso – um recurso limitado, como o dinheiro – nós o concebemos dessa forma” (LAKOFF; JOHNSON, p. 51). Historicamente, no período da revolução industrial, o tempo de trabalho passou a ser a referência para o pagamento no final do mês. Com isso, foi estabelecida a relação entre tempo e dinheiro. Os exemplos das metáforas denominadas estruturais demonstram como esse recurso é cultural na medida em que estrutura as ações e percepções de determinados grupos sociais.

Os mesmos autores afirmam que, nessa sistematicidade, as metáforas destacam certos aspectos de um termo encobrendo outros; as metáforas são estabelecidas com base em conceitos que são, portanto, parcialmente estruturados. Por esse viés, elas são um recurso de focalização, como pode ser visto no seguinte exemplo:

[...] no meio de uma discussão calorosa, na qual estamos engajados no propósito de atacar a posição de nosso oponente e de defender a nossa, podemos perder de vista os aspectos cooperativos da discussão. Alguém que esteja discutindo com você pode ser visto como aquele que esteja lhe oferecendo o seu tempo, um bem valioso, em um esforço para conseguir compreensão mútua. Mas, quando estamos preocupados com os aspectos ‘bélicos’ de uma discussão, frequentemente perdemos de vista os seus aspectos cooperativos. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.53-54)

Há também metáforas chamadas orientacionais, aquelas que se relacionam a termos que indicam orientação espacial, tais como: dentro, fora, para cima, para baixo, entre outros. Desse modo, a frase “Eu estou me sentindo para cima.” indica que o conceito de felicidade está associado à orientação “para cima”. Essa relação não é arbitrária, ela se dá com base em

uma experiência que é física e cultural (LAKOFF; JONHSON, 2002, p. 60). A experiência física a que se refere a frase é a de que, quando estamos tristes, tendemos a ter uma postura caída. Na nossa cultura, grande parte dos conceitos que utilizamos ao comunicarmos provém dessas metáforas de espacialização. Elas são tão frequentemente utilizadas que é difícil compreender certos conceitos sem elas.

No que se refere à relação existente entre metáfora e coerência cultural, os autores dizem que “os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura.” (LAKOFF; JONHSON, 2002, p.71). Nesse sentido, muitas das expressões metafóricas que um grupo social utiliza refletem os valores que foram compartilhados e constituem a cultura desse grupo. Sendo assim, é possível aproximar-se de determinada cultura pela análise de conceitos metafóricos presentes na comunicação de seu povo. É relevante considerar que os valores de uma cultura podem variar de acordo com a prioridade de cada grupo social.

As chamadas metáforas ontológicas referem-se a “formas de se conceber eventos, atividades, emoções, ideias, etc. como entidades e substâncias” (LAKOFF; JONHSON, 2002, p. 76). Essas metáforas existem devido à necessidade humana de compreender termos abstratos, lidando melhor com eles por meio de delimitações advindas de termos mais concretos. A metáfora INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, como é possível perceber na frase “Precisamos combater a inflação”, é um exemplo desse tipo de metáfora. Tratar a inflação em termos mais concretos é facilitar a compreensão de seu conceito, visto que, desse modo, é possível “quantificá-la, identificar um aspecto particular dela, vê-la como uma causa, agir em relação a ela, e talvez, até mesmo, acreditar que nós a compreendemos.” (LAKOFF; JONHSON, 2002, p. 77). Seguindo esse exemplo, na frase “O nosso maior inimigo agora é a inflação”, percebe-se que ao termo “inflação” é dada uma propriedade humana. Esse processo é chamado pelos autores de personificação.

Para os autores, a personificação é um processo metafórico, diferentemente da metonímia, que é bastante relacionada à metáfora, mas que se diferencia dela. No processo metonímico, há referência a uma entidade por meio de outra, como é possível perceber por meio do seguinte exemplo: “Adoro

ler Cecília Meirelles.” cujo significado equivale a “Adoro ler os livros escritos por Cecília Meirelles”. Os dois processos têm em comum o fato de que não são apenas um recurso poético ou somente relacionado à língua ou que se baseiam na experiência humana. Eles têm em comum também o objetivo de auxiliar a compreensão de determinados termos linguísticos. Contudo, diferem-se nos seguintes aspectos:

A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra. [...] A metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo. (LAKOFF; JONHSON, 2002, p.92, 93)

É evidente a forma distinta como os autores apresentam os conceitos de metáfora e metonímia, não em relação ao que é comumente compreendido acerca desses recursos linguísticos, mas ressaltando a constituição desses termos como coerentes com a própria experiência humana. No entanto, há incoerências na concepção de certas experiências. Tal fato pode ser exemplificado comparando dois exemplos: “O tempo passa muito rápido.” em que a metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO está presente; e “Ao avançarmos através dos anos, percebemos as mudanças ocorridas.” que sugere a metáfora TEMPO É UM OBJETO IMÓVEL E NÓS NOS MOVEMOS ATRAVÉS DELE. Apesar de aparentarem ter sentidos opostos, essas duas metáforas estão interligadas, visto que tanto a primeira, quanto a segunda consideram que o futuro está à frente, e o passado, atrás. Por compartilharem um mesmo ponto de referência, elas são chamadas por Lakoff e Johnson (2002) de metáforas consistentes.

Os mesmos teóricos afirmam que a estrutura metafórica é de natureza parcial. Isso quer dizer que as interligações feitas entre dois conceitos no processo de construção da metáfora incluem a associação parcial com o conceito de um dos termos. Desse modo, na metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, somente o alicerce e a parte externa da construção são utilizados em associação metafórica ao conceito de teoria. As demais partes da

construção não participam do processo; como é possível perceber por meio do exemplo: “Ele embasou muito bem a sua teoria.”.

Apesar de os conceitos metafóricos serem utilizados sistematicamente, há metáforas baseadas em partes de conceitos que não são comumente utilizadas. Em relação ao exemplo dado, a frase “Estes fatos são os tijolos e a argamassa de minha teoria” ilustra a relação entre teoria e os materiais que são usados na construção, relação incomum entre os dois conceitos. A metáfora criada nesse sentido é chamada por Lakoff e Johnson (2002) de metáfora nova, e expressa uma forma específica de se conceber um termo.

Assim, como dito anteriormente, DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora estrutural, visto que o conceito de discussão é estruturado parcialmente em acordo com o conceito de guerra. Essa estrutura, segundo Lakoff e Johnson (2002), segue um conjunto de dimensões que envolvem os participantes, as partes (turnos) da conversa, os estágios pelos quais ela passa, a sequência linear que ela apresenta, a causalidade (indicações de transitoriedade dos turnos da conversa) e o propósito. O que vai caracterizar a discussão é o teor da conversa, semelhante ao de uma batalha. Se isso ocorrer, a conversa passa a ser estruturada em termos de guerra, e os participantes começarão a agir como se estivessem em uma.

Os autores chamam de *gestalt* a estrutura em que um conceito é concebido por meio de uma relação metafórica:

Daí, uma atividade, a fala, é estruturada em termos de outra atividade, luta física. Estruturar nossa experiência em termos de tais *gestalts* multidimensionais é o que torna a nossa experiência coerente. Nós experienciamos uma conversa como uma discussão quando a *gestalt* da GUERRA encaixa-se em nossas ações e percepções nessa conversa. (LAKOFF; JONHSON, 2002, p.158)

Segundo os autores, no processo de análise da coerência em construções metafóricas conversacionais, é preciso ter em mente algumas restrições que abrangem o conteúdo, o progresso, a estrutura, a força, o embasamento, a obviedade, o direcionamento e a clareza no discurso. É importante ressaltar também que uma metáfora apenas pode ser coerente se realizar a sua função, que é a de auxiliar o entendimento de uma parte do conceito.

Certas metáforas podem ser coerentes entre si. Ocorre de elas aparecerem interligadas quando compartilham implicações, processo que Lakoff e Johnson (2002) denominam justaposição entre metáforas. Para exemplificar a questão, têm-se DISCUSSÃO É UMA VIAGEM, metáfora que tem como foco ressaltar o objetivo e, por conseguinte, o direcionamento da discussão; e DISCUSSÃO É UM RECIPIENTE, utilizada quando é relevante enfatizar o conteúdo da conversa. Ambas podem ocorrer justapostas, como no exemplo: “Até este ponto, nossa argumentação não tem muito conteúdo.” Tendo em vista que essas metáforas ressaltam aspectos diferentes do termo “discussão”, elas são complementares, o que sugere que uma única metáfora não é capaz de focar nos dois aspectos descritos. No sentido de que elas não se misturam, os teóricos a consideram metáforas consistentes.

A fala está ligada ao tempo, e este se relaciona metaforicamente ao espaço, o que explica o fato de a linguagem também ocorrer em termos de espaço. Tal afirmação é esclarecida por Lakoff e Johnson (2002) por meio da metáfora MAIS FORMA É MAIS CONTEÚDO na frase “Ele correu e correu e correu e correu.” em que a forma linguística é especializada. O acréscimo no número de palavras está interligado ao aumento do conteúdo. Os autores afirmam que essa correspondência demonstra que a relação entre forma e conteúdo é lógica, e não arbitrária. Desse modo:

[...] a sintaxe não é independente do sentido, especialmente dos aspectos metafóricos do sentido. A ‘lógica’ de uma língua baseia-se nas coerências entre sua forma especializada e seu sistema conceptual e, principalmente, seus aspectos metafóricos do sistema conceptual. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 234)

As metáforas que não estão relacionadas ao nosso sistema conceptual, as que trazem um sentido novo à linguagem cotidiana, são denominadas metáforas imaginativas por Lakoff e Johnson (2002), e são bastante utilizadas na linguagem literária. Exemplificando, temos a metáfora O AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA, que traz consigo diversas implicações, tais como: “O amor é trabalho”, “O amor é ativo”, “O amor exige compromisso.”. O modo como essa metáfora é interpretada pode variar culturalmente. No exemplo exposto, uma pessoa que conceba arte como uma ilusão e outra que

dê valor à produção artística terão compreensões diferentes a respeito dessa metáfora. Talvez ela não traga um novo sentido para a primeira pessoa.

A metáfora tem o poder de criar uma nova realidade, o que ocorre devido ao fato de que passamos a compreender nossas experiências por meios metafóricos; a metáfora tem também o poder de delimitar essas experiências, tal como o sentido metafórico sugere que podemos até mesmo agir em correspondência a esse novo sentido. Por esse viés, a metáfora é significativa no processo de concepção da realidade. É o que retrata Lakoff e Johnson (2002, p.243):

A ideia de que metáforas conseguem criar realidades desafia as posições mais tradicionais sobre metáforas. Isso se explica pelo fato de a metáfora ter sido vista tradicionalmente como simples fato da língua e não como um meio de estruturar nosso sistema conceptual e os tipos de atividades diárias que desenvolvemos. É muito razoável presumir que simples palavras não mudem a realidade. Mas as mudanças em nosso sistema conceptual realmente alteram o que é real para nós e afetam nossa percepção do mundo, assim como as ações que realizamos em função dessa percepção.

O fato de muitos filósofos acreditarem que a metáfora é unicamente uma maneira especial de se tratar a língua se deve à crença objetivista de que a verdade apenas é verdade se for absoluta. Para eles, a metáfora não é capaz de expressar a verdade, pelo menos de forma direta. Em contrapartida, na perspectiva de Lakoff e Johnson (2002), não há uma verdade objetiva, visto que ela está ligada ao sistema conceptual humano, que é, em grande parte, metafórico. A verdade é, por esse viés, uma questão de projeção humana juntamente com os aspectos culturais e contextuais que a envolvem. Os aspectos contextuais abrangem as *gestalts* experienciais que funcionam como pano de fundo para a compreensão. Recorremos a elas a fim de estabelecer relação de sentido entre o novo e o que já foi experienciado. Desse modo, a verdade envolve questões que são subjetivas; dependem do olhar e das experiências humanas. Nas palavras dos autores:

Na medida em que compreendemos as situações e afirmações em termos de nosso sistema conceptual, a verdade para nós é sempre relativa a esse sistema conceptual. Da mesma forma, já que essa compreensão é sempre parcial, não temos acesso a 'toda verdade' ou a uma explicação definitiva da realidade. (LAKOFF; JONHSON, 2002, p. 287)

Em contraposição ao objetivismo, a perspectiva subjetivista, que propõe a verdade como individual, é tida culturalmente como a única alternativa à crença na verdade absoluta. Lakoff e Johnson (2002) creem em uma terceira opção chamada por eles de experiencialismo, cuja verdade é correspondente à realidade experiencial tal como descrito anteriormente.

Segundo os autores, tanto o objetivismo quanto o subjetivismo desempenham um papel muito importante para os estudos ocidentais, visto que essas duas correntes estão relacionadas às distintas formas humanas de compreensão da realidade, seja por uma visão mais neutra e precisa, seja por outra mais particularizada e diversificada. No entanto, muitas divergências ocorreram entre as duas correntes. Para os subjetivistas, o objetivismo alienava o homem de si mesmo, prejudicando o desenvolvimento das próprias percepções naturais que levariam à verdade. O subjetivismo, por sua vez, geralmente relacionado à religião e à arte, era tido pelos objetivistas apenas como refúgio para as emoções. Com isso, na tradição empirista, a linguagem metafórica era temida, pois sugeria a imaginação e afastava, portanto, o homem da verdade.

É importante destacar que, no Experiencialismo, os objetos são concebidos por meio da interação do homem com o mundo, e grande parte dessa interação se dá por meio da construção de metáforas. Nessa perspectiva, a verdade é sempre relacionada à compreensão humana. O que diverge do pensamento objetivista no que se refere à crença de que a visão humana deve ser destacada de seu meio no processo de busca da verdade.

O mito experiencialista considera o homem como parte do meio, não separado dele e focaliza a constante interação do homem com o ambiente físico e com as outras pessoas. Vê essa interação com o meio envolvendo a transformação mútua. Você não pode agir no meio sem transformá-lo ou sem ser transformado por ele. (LAKOFF; JONHSON, 2002, p.348)

Tendo em vista que as construções metafóricas surgem a partir da experiência humana, passam a fazer parte do pensamento e, ao mesmo tempo, delimitam as formas de interação entre os indivíduos, é perceptível a recorrência com que elas aparecem na comunicação entre os usuários da língua, o que pode ser constatado observando-se textos apresentados em meio

virtual, assim como pretendo demonstrar nessa pesquisa. Para isso, é relevante considerar-se as características dos gêneros discursivos, principalmente de gêneros virtuais como o *site*.

3 GÊNEROS DISCURSIVOS: O *SITE*

A análise textual dos aspectos contextuais inclui os gêneros discursivos em que os recursos metafóricos se inserem. Para Erickson (apud MARCUSCHI, 2010, p.19) “os gêneros são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural”; eles refletem, portanto, as mudanças e as características específicas de cada cultura.¹ Nesse sentido, o gênero *site* é emergente da cultura eletrônica refletora da realidade contemporânea. O autor descreve que essa cultura aponta para uma sociedade cada vez mais textualizada e de interação altamente participativa.

Na introdução da obra *Dicionário de gêneros textuais* (COSTA, 2009), são dadas algumas características dos gêneros discursivos. Primeiramente, com base nas ideias bakhtinianas, o autor trata os gêneros por uma perspectiva pragmática, em que eles são vistos tendo como foco os aspectos discursivos de sua produção. Para o autor, eles são definidos com base em três dimensões: em relação ao conteúdo, à estrutura/forma específica dos textos e às configurações específicas das unidades de linguagem (estilo). Esses quesitos estão interligados aos domínios da diversidade discursiva, do gênero em si e das dimensões textuais. Nesse sentido, essa vertente considera importante a análise da interação discursiva no processo de compreensão e de caracterização dos gêneros.

Outra perspectiva apresentada, a teoria de gêneros descrita por Bronckart (apud COSTA, 2009, p.19), compreende os aspectos discursivos como relevantes na análise de gêneros, mas centra seu conceito na variedade textual, ou seja, no que se refere à tipologia que ele apresenta, seja ela narrativa, descritiva, argumentativa, entre outras. Nessa vertente, por abranger com mais detalhes os aspectos textuais dos gêneros, eles são denominados gêneros textuais.

Os dois enfoques apresentados buscam uma definição de gêneros que seja norteadas pelas seguintes propriedades: eles são constituídos

¹ A discussão para definir se o *site* deve ser considerado um gênero discursivo ou um suporte ainda não foi concluída. Costa (2009) insere o *site* na listagem de gêneros que apresenta em seu *Dicionário de Gêneros Textuais*, e acrescenta que “o termo *site* também pode ser usado com o sentido de uma instituição que oferece serviços aos usuários.”.

historicamente e em função de necessidades comunicacionais e de mudanças sociais; são formas heterogêneas que sofrem constantes transformações, podendo desaparecer, renovar-se ou surgir; são também formas que podem apresentar semelhança com outros gêneros, porém, conservadoras de suas características próprias.

Considerando as ideias sugeridas por esses autores, Marcuschi (2010) propõe uma tipologia discursiva e textual para os gêneros. Essa tipologia focaliza o domínio discursivo em que o gênero está inserido, podendo ele ser caracterizado como religioso, no caso de uma reza; jornalístico, com relação a uma reportagem; acadêmico, em se tratando de um artigo científico; literário, se for um romance, entre outros domínios. O autor complementa esse enfoque com a perspectiva de Dolz e Schneuwly (1994), autores que categorizam os gêneros tendo como referência a capacidade de linguagem dominante que o usuário da língua demonstra ter em sua produção, como a de relatar, de narrar, de argumentar, de expor ou de descrever ações. Nesse ponto, é importante ressaltar que, na análise de textos, é preciso compreender tanto o processo discursivo, quanto as peculiaridades do gênero que o envolve. Essa assertiva envolve, diretamente, o revisor em sua lida com diversos tipos e gêneros discursivos.

No caso dos gêneros emergentes no meio virtual, que incluem o *site*, o autor afirma que eles são formas que conservam muitas das características de outros gêneros. Um exemplo é o *e-mail*, um gênero semelhante à carta, mas cuja principal diferença é a possibilidade dada pelo meio virtual de envio instantâneo da mensagem de um referente ao seu destinatário, o que acelera e, ao mesmo tempo, amplia a transmissão de informações entre as pessoas, determinando a linguagem utilizada. Essa é uma nova roupagem dada por novos gêneros a outros pré-existentes, não necessariamente extinguindo o anterior, mas criando novas possibilidades com base nele, assim como afirma Marcuschi (2010, p. 80): “Contudo, já parece claro que novas tecnologias em geral não abalam alicerces vizinhos; quando muito podem sugerir nova pintura, novos telhados e fechaduras mais confortáveis.”.

O aumento da velocidade na comunicação é também a causa de a evolução dos gêneros discursivos acontecer mais rapidamente, na medida em

que a interação entre os usuários ocorre com maior frequência, o que faz surgir novas necessidades linguísticas e consequentes transformações nos gêneros, renovando alguns ou ocasionando o surgimento de outros. Uma inovação que ocorreu no meio virtual é o fato de a escrita não poder ser mais considerada assíncrona, visto que, em certos gêneros da internet, conversas escritas ocorrem sincronicamente, como é o caso dos bate-papos virtuais. Tendo em vista que, no meio virtual, a escrita pode apresentar características próprias da oralidade, é notório o questionamento que vem a surgir a respeito da oposição existente entre a língua escrita e a língua falada com relação a esse meio.

No que se refere às características da linguagem nos gêneros virtuais, Marcuschi cita Crystal (2001), que descreve que, muitas vezes, nesses gêneros, os textos apresentam estruturas simplificadas, pontuação deficiente, abreviaturas pouco convencionais, com mais semioses do que o comum, com sobreposição de gêneros, banalização de termos técnico-científicos, entre outros aspectos. Essas particularidades da linguagem em muitos dos gêneros virtuais se devem, principalmente, ao anonimato dos participantes. Pouco monitorados, eles se preocupam menos com suas escolhas linguísticas. O autor citado sugere que “o impacto da internet é menor como revolução tecnológica do que como revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente.”. (CRYSTAL apud MARCUSCHI, 2010, p.22).

Para Marcuschi (2010), esse é um meio em que ocorre a interação de linguagens, assim como a formação de uma linguagem universal. A hipertextualização é uma das formas de interação de linguagens que enriquece a leitura, interligando vozes de autores diferentes em um processo intertextual. Desse modo, percebe-se a descentralização da informação, que constitui o aspecto globalizante da comunicação virtual em que o saber ficou mais democratizado com o advento da internet.

A internet se transformou em um veículo de comunicação com uma linguagem acessível à maior parte dos hiperleitores e, desse modo, há uma exploração dos termos dessa área, os quais são transferidos para o contexto social e divulgados como uma linguagem global. Assim sendo, as mensagens veiculadas nos sites são destinadas a todo tipo de público. No entanto, o locutor precisa estar sempre atento ao emprego da linguagem, uma vez que ‘não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos’. (ORLANDI apud MARCUSCHI, 2010, p.153)

Outro aspecto importante ressaltado por Marcuschi (2010) a respeito da linguagem na internet é a presença do discurso persuasivo em textos inseridos nesse meio. Nesse caso, a distribuição de informações ocorre com um objetivo mercadológico. O locutor se apropria dos recursos linguísticos, assim como dos visuais que esse gênero permite utilizar para tornar o seu produto mais atraente ao usuário do *site*. Essa interação pretensiosa pode ser mais bem explorada nos *sites*, pois esses apresentam um espaço maior para a descrição e divulgação de um produto ou serviço.

Marcuschi (2010, p.16) ressalta que os gêneros considerados virtuais possuem similaridades com outros gêneros existentes; contudo, eles se diferenciam pelo fato de apresentarem espaços que permitem o enriquecimento de sentido por meio da utilização de elementos gráficos diversificados. Essa característica multimodal amplia as possibilidades comunicacionais entre autor e leitor, da mesma forma que estimula o engajamento do leitor com o texto.

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. A par disso, a rapidez da veiculação e sua flexibilidade linguística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais.

No entanto, mesmo sendo um ambiente em que predominam a pluritextualidade e a intersemiose e cuja diversidade de recursos tende a ampliar as possibilidades semânticas, é preciso atentar-se para que o cuidado com a escrita não se perca em meio a essas inovações. De fato, a revolução tecnológica tem um efeito sobre a comunicação linguística, por isso, é relevante observar como as novas tecnologias influenciam a construção do sentido no processo de composição dos textos virtuais.

De acordo com Rocha (2012), defensor da importância de uma revisão multissemiótica, no processo de revisão de textos é preciso considerar a instância discursiva em que se insere o gênero revisado. A situação social é determinante na constituição do enunciado e este apenas pode ser avaliado em função de aspectos tais como a visão de mundo e a ação retórica dos

participantes, o contexto de enunciação e a imbricação entre elementos formais e situacionais. Para o autor: “Revisar texto, tendo em vista a teoria dos gêneros, significa conhecer sua natureza, sua forma de ação social e os múltiplos sentidos que os constituem.” (ROCHA, 2012, p. 117).

Desse modo, assim como é relevante o conhecimento acerca de metáforas conceptuais para o trabalho de revisão, é preciso que o revisor saiba também revisar gêneros. Na análise de metáforas conceptuais, deve ser observada a influência dos aspectos que envolvem o gênero em que elas estão inseridas sobre a construção do sentido que elas expressam. Considerando essa perspectiva, realizei a análise dos dados apresentada a seguir.

4 ANÁLISE DOS DADOS

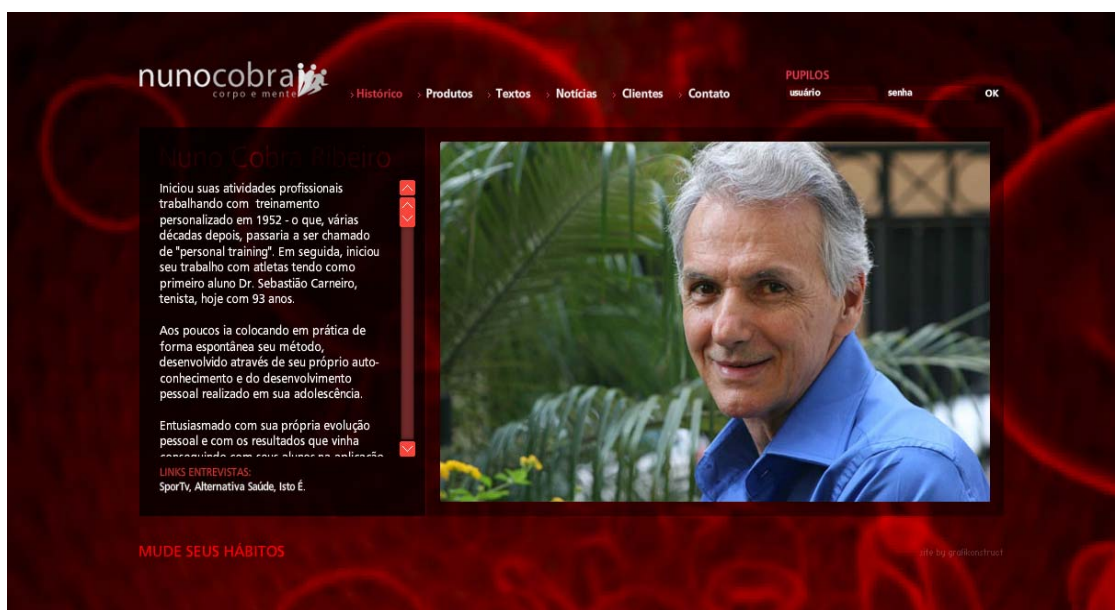
A seguir apresento breve descrição do autor Nuno Cobra e de seu trabalho e, em seguida, os textos que foram selecionados e retirados do site <www.nunocobra.com.br>, que é um meio pelo qual o autor expõe informações acerca dos benefícios da prática regular de exercícios físicos e cuja finalidade principal é divulgar o seu trabalho. Apresento também as análises das metáforas conceptuais que foram feitas com base no gênero em questão e em conhecimentos a respeito dos processos de revisão textual que foram anteriormente expostos neste trabalho. Os dois textos foram escolhidos entre os vários que estão no site com base em critérios de possibilidade de análise e de extensão do trabalho monográfico.

Nuno Cobra Ribeiro nasceu em 1938, na cidade de São José do Rio Pardo (SP). Formou-se em Educação Física pela Escola de Educação Física de São Carlos e pós graduou-se pela Universidade de São Paulo. Foi nadando no Rio Pardo que iniciou seu crescimento pessoal na medida em que foi se desenvolvendo por meio dos desafios provocados pelo exercício físico. As descobertas que o fizeram criar um novo método de atividade física ocorreram com base nessa experiência.

O método Nuno Cobra foi considerado inovador no contexto da época, visto que tinha como foco o desenvolvimento do ser humano como um todo, concepção que se diferenciava das teorias em que estavam pautadas as pesquisas acadêmicas: o estudo do indivíduo por meio da separação entre os aspectos do funcionamento humano – o emocional, o mental e o físico. Assim, para o autor, com o tratamento apropriado dado ao corpo físico, é possível o aprimoramento mental e emocional.

Nuno Cobra foi um dos primeiros educadores físicos a considerar a inteligência emocional do indivíduo para a melhora no desempenho cardiovascular, interligando os processos que envolvem o desenvolvimento do corpo humano. Assim, ele se tornou um preparador físico renomado e atingiu um público ainda maior com a divulgação de seu método por meio da obra *A Semente da Vitória* e do site <www.nunocobra.com.br>. Ficou conhecido internacionalmente devido ao trabalho que realizou com o piloto Ayrton Senna.

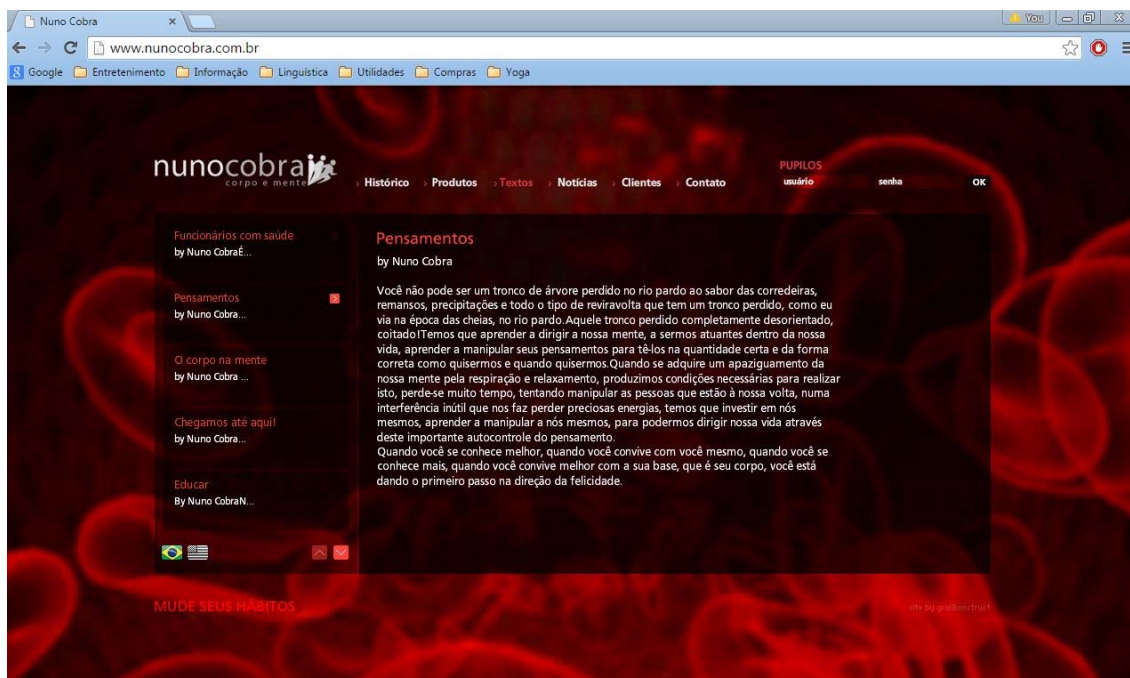
Figura 1 – Página principal do site Nuno Cobra Corpo e Mente



Fonte: NUNO COBRA (2014)

4.1 Texto “Pensamentos”

Figura 2 – Página do site que apresenta o texto “Pensamentos”



Fonte: NUNO COBRA (2014)

Trecho 1: “Você não pode ser um tronco de árvore perdido no rio pardo ao sabor das corredeiras, remansos, precipitações e todo o tipo de reviravolta que

tem um tronco perdido, como eu via na época das cheias, no rio pardo. **Aquele tronco perdido completamente desorientado**, coitado!”

O primeiro trecho selecionado apresenta uma metáfora que não é convencional. Trata-se de uma construção literária em que é estabelecida uma relação entre o ser humano e um tronco de árvore. O autor utiliza essa metáfora a fim de ressaltar a falta de controle do homem na busca de seus objetivos de vida. Para ele, os percalços no decorrer dessa busca desorientam facilmente o homem, do mesmo modo como ocorre com um tronco de árvore quando levado pelas águas do rio. Assim, essa é uma metáfora que tem implícita a ideia de oposição entre ter o controle sobre a própria vida e deixar-se levar pela vida. No entanto, o autor utiliza-a, por vezes, de forma redundante como pode ser evidenciado pelas expressões “todo o tipo de reviravolta” e “completamente desorientado”. Ao final, trata o objeto de comparação, tronco de árvore, como sendo de fato um ser humano, o que sugere que o autor não teve clareza ao expor suas ideias metafóricas.

Considerando que o objetivo do autor com o texto é, primordialmente, ressaltar a importância do trabalho que desenvolve, alertando o leitor e possível cliente a respeito do bem-estar que a prática de atividade física pode promover, é necessária uma adequação da linguagem utilizada. Neste caso, o revisor poderia sugerir, com o objetivo de diminuir o teor literário e ingênuo da escrita do autor e torná-la um pouco mais formalizada, as seguintes correções:

Sugestão do revisor: Você não pode ser como um tronco de árvore perdido no rio ao sabor das corredeiras, dos remansos e das precipitações; assim como eu via alguns na época das cheias do Rio Pardo.

Trecho 2: “Temos que aprender a **dirigir a nossa mente**, a sermos **atuantes dentro da nossa vida**, aprender a **manipular seus pensamentos para tê-los na quantidade certa** e da forma correta como quisermos e quando quisermos.”

Nesse trecho, fica evidente a metáfora convencional MENTE É UMA MÁQUINA, em que a relação entre mente e máquina é estabelecida com o objetivo de enfatizar o caráter operacional da mente assim como o nosso controle ou descontrole sobre ela. Algumas características referentes ao modo como operamos nossa mente permite que a relacionemos com as propriedades de uma máquina, algumas delas: gastamos energia para fazer a mente trabalhar; ela funciona por meio de distintos processos; nós podemos controlá-la por meio de nossas determinações etc. Após a leitura de textos de Nuno Cobra, é possível perceber que ele procura trabalhar com seus alunos o domínio das emoções e dos pensamentos por meio da melhora no condicionamento físico e, conseqüentemente, aumentar a qualidade de vida. Nesse sentido, o objetivo final, além do bem-estar físico, é a autoridade sobre a mente, da mesma forma que quando operamos uma máquina sabendo aproveitar ao máximo as diversas funções que ela é capaz de desempenhar.

A segunda metáfora presente no trecho é VIDA É UM RECIPIENTE. Estar “dentro da própria vida” demonstra que pensamos na vida como algo maior do que nós, porém limitado. A ideia de limitação é expressa por meio da associação de “vida” com “recipiente”, um objeto em que é possível perceber os limites que o compõem, mesmo podendo apresentar diversos tamanhos. Dessa forma, a construção da metáfora VIDA É UM RECIPIENTE é uma tentativa de delimitar a vida tendo em vista a sua dimensão; um meio de facilitar o modo como a concebemos, assim como seus suscetíveis enigmas e imprevisibilidades. Diante dessa característica, o autor demonstra que o seu trabalho é feito no sentido de ajudar os seus alunos a lidarem melhor com as emoções que advêm das incertezas próprias do decorrer da vida. Ele acredita que a atividade física auxilia no controle das emoções que fazem com que o indivíduo se perca em meio a essas suscetibilidades, tornando-o alerta e capaz de tomar decisões ao invés de deixar-se levar pelos acontecimentos.

A terceira metáfora referente ao trecho em destaque, IDEIAS SÃO RECURSOS, é evidenciada pela expressão “tê-los na quantidade certa”, que se refere a “pensamentos”. Estabelecer as ideias, um termo abstrato, como uma entidade, é um meio de tornar o termo mais concreto e, portanto, mais facilmente compreendido e comunicado. Ressaltar esse entendimento do termo

como um recurso, entre outros pontos de vista que são apresentados em relação ao conceito de “ideia” – IDEIAS SÃO DINHEIROS, IDEIAS SÃO INSTRUMENTOS CORTANTES, entre outros – é destacar que elas podem ser quantificadas. Com base nessa compreensão, nota-se a relação dessa metáfora com a ideia proposta pelo autor, que é a de buscar a consciência sobre o próprio pensamento e, dessa forma, utilizá-lo em favor do bem-estar físico e emocional. Quantificar o pensamento é também uma forma de controlá-lo. Contudo, o trecho “manipular seus pensamentos” revela certo exagero do autor ao querer expressar o controle sobre a mente, que não pode ser tão medido e preciso.

Neste caso, o revisor sugeriria, considerando o propósito do autor de destacar a necessidade do trabalho desenvolvido por ele para o alcance de uma mente equilibrada, controlada e consciente, as seguintes correções:

Sugestão do revisor: Temos que aprender a dirigir a nossa mente, a ser atuante dentro da nossa vida, a pensar de forma equilibrada e consciente.

Trecho 3: “Quando se adquire **um apaziguamento da nossa mente** pela respiração e relaxamento, produzimos condições necessárias para realizar isto, **perde-se muito tempo**, tentando manipular as pessoas que estão à nossa volta, numa interferência inútil que nos faz **perder preciosas energias**, temos que **investir em nós mesmos**, aprender a manipular a nós mesmos, para podermos dirigir nossa vida através deste importante autocontrole do pensamento.”

MENTE É UMA ENTIDADE é a primeira metáfora encontrada nesse recorte do texto. Tendo em vista que “apaziguamento da mente” é a realização de uma ação sobre ela, tem-se que a mente é uma entidade suscetível de interferências. Nesse caso, as interferências que o autor propõe envolvem a diminuição da frequência do pensamento, no sentido de alcançar o relaxamento, assim como chegar a um estado de consciência corporal e de percepção mais sensível dos acontecimentos ao redor. Nesse caso, uma interferência importante seria a substituição do verbo “adquirir” devido à

inadequação da regência verbal que acaba gerando um mau uso da metáfora. Não é possível adquirir determinado estado – “o apaziguamento da mente” –, mas, sim, alcançá-lo.

Outras metáforas presentes no trecho – TEMPO É UM RECURSO LIMITADO e TEMPO É UM BEM VALIOSO – são de recorrente uso na comunicação cotidiana da sociedade capitalista. Em “investir em nós mesmos”, é perceptível a presença da metáfora TEMPO É DINHEIRO. Essas metáforas enfatizam a ideia de que a vida é feita de restritos momentos que são medidos pelo tempo e, sabendo que ele é limitado, devemos aproveitá-lo em termos de produtividade. Na nossa sociedade capitalista, essa produtividade está relacionada, principalmente, ao trabalho cotidiano, o que remete à ideia de que o dinheiro adquirido é proporcional à quantidade de horas trabalhadas. No entanto, o trabalho a que se refere o autor é o exercício físico, e a perda de tempo se dá no convívio e na comunicação pouco construtiva entre as pessoas, o que ocorre em detrimento da baixa autoestima que elas apresentam. A solução para essa “perda de tempo” é, para o autor, o aumento do investimento em si mesmo para, em consequência disso, melhorar o convívio com outras pessoas.

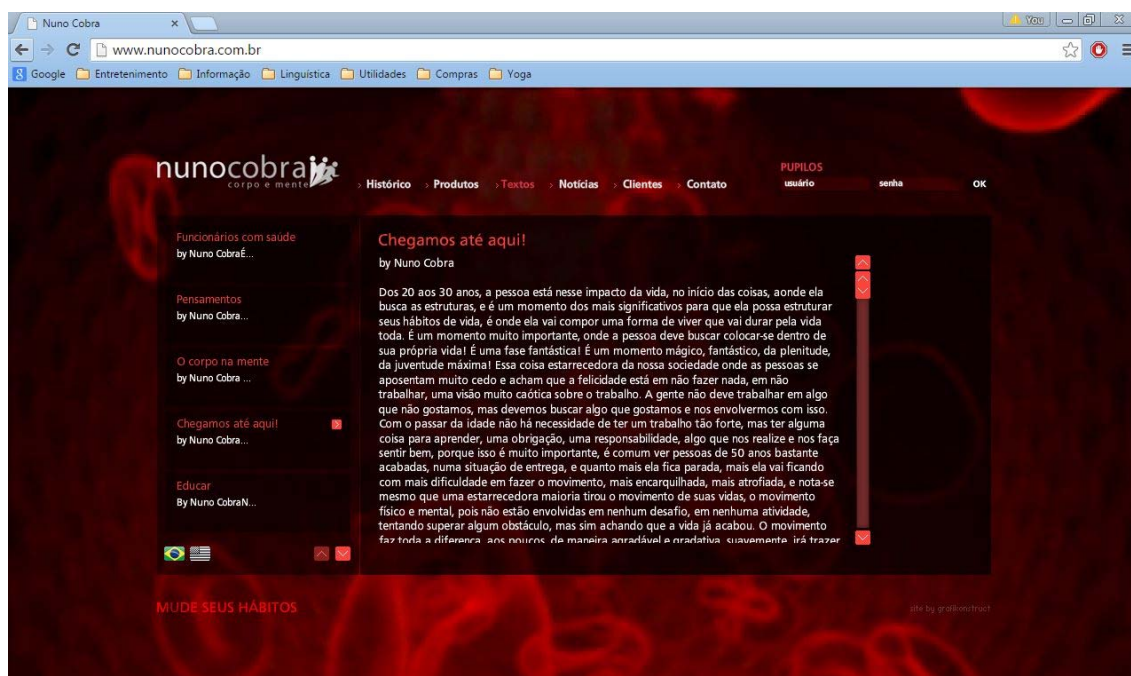
“Perder preciosas energias” evidencia a metáfora VITALIDADE É UMA SUBSTÂNCIA, que está relacionada à metáfora MENTE É UMA MÁQUINA. Nas duas metáforas, o conceito de energia sugere que esse é um recurso que possibilita a ação: precisamos de energia para pensar e para viver, assim como uma máquina precisa de energia para o seu eficaz funcionamento. Nesse sentido, o início de toda a ação é gerado pela energia consumida, sendo ela essencial para o desenvolvimento de todo o processo. A opinião do autor é no sentido de que negar a preciosidade dessa substância é gastá-la em desperdício e perder vitalidade. Em “investir em nós mesmos” e “perder preciosas energias”, as metáforas foram empregadas adequadamente e, seria até mesmo interessante pensar que o autor as renovou utilizando-as em um novo contexto de enunciação por meio da transferência das metáforas de um contexto em que predomina o trabalho e o uso de máquinas, tal como sugerem as ideias capitalistas, para um contexto de aprimoramento pessoal, seguindo a linha de pensamento do autor.

Assim, considerando o gênero *site* – que envolve leituras rápidas – aliado ao público-alvo, e ao estilo e à atividade do autor, o ideal é que os textos sejam reescritos conforme a modalidade padrão da língua, sem, contudo, deixá-los muito formais, pois, como se observa no estilo de escrever de Nuno Cobra, é notável a busca de aproximação do autor com o leitor.

Sugestão do revisor: Quando alcançamos o apaziguamento de nossa mente por meio da respiração e do relaxamento, produzimos condições necessárias para realizarmos o controle de nossos pensamentos. Perdemos muito tempo tentando influenciar inutilmente as pessoas que estão à nossa volta, o que nos faz perder preciosas energias. Temos que investi-las em nós mesmos, aprender a ter consciência das nossas decisões e ações, para podermos dirigir nossa vida por meio de efetivo controle da nossa mente.

4.2 Texto “Chegamos até aqui!”

Figura 3 – Página do *site* que apresenta o texto “Chegamos até aqui!”



Fonte: NUNO COBRA, 2014.

Trecho 1: “Dos 20 aos 30 anos, **a pessoa está nesse impacto da vida, no início das coisas, aonde ela busca as estruturas**, e é um momento dos mais significativos para que ela possa **estruturar seus hábitos de vida**, é onde ela vai **compor uma forma de viver que vai durar pela vida toda**. É um momento muito importante, onde a pessoa deve buscar **colocar-se dentro de sua própria vida**! É uma fase fantástica! É um momento mágico, fantástico, da plenitude, da juventude máxima!”

VIDA É UMA HISTÓRIA é a metáfora que constitui o sentido dos três fragmentos que estão em destaque e iniciam o trecho acima. Essa metáfora é um recorte na tentativa de definição do termo “vida” e refere-se às etapas em que ela ocorre: o nascimento, o crescimento, o amadurecimento, o envelhecimento e a morte. Esses acontecimentos vitais são semelhantes ao desenrolar de uma história, que geralmente apresenta início, meio e fim. Tal relação é constatada no fragmento “compor uma forma de viver”, em que o autor emprega o verbo “compor”, comumente utilizado em referência à elaboração de histórias.

Em “colocar-se dentro da sua própria vida”, a metáfora VIDA É UM RECIPIENTE aparece outra vez, com o mesmo sentido descrito anteriormente: o de destacar o estado de alerta em que deve estar o indivíduo para vivenciar com vigor as experiências que tiver durante a vida.

Apesar de ser uma expressão que pode causar estranhamento por parte do leitor, o “impacto da vida”, a que se refere Nuno Cobra, é o momento em que uma pessoa se vê na idade adulta e se dá conta de suas responsabilidades e da passagem do tempo. Assim, o autor menciona um período marcante da vida, em que novos acontecimentos advêm de mudanças ocorridas. Podemos compreender a metáfora presente no trecho por meio de nosso conhecimento prévio a respeito da fase referida pelo autor, no entanto, pode haver um estranhamento durante a leitura em relação ao modo pouco convencional como ele a emprega. O sentido do termo “impacto” é muito forte para referir-se a um momento da vida, e a expressão “no início das coisas” é vaga e não acrescenta informação ao texto. Também no fragmento “ela busca as estruturas”, o autor deixa para o leitor o preenchimento das lacunas

necessárias para o entendimento do texto, o que o torna impreciso. Aqui, o revisor poderia sugerir as seguintes intervenções textuais.

Sugestão do revisor: Entre os 20 e os 30 anos de idade, as pessoas estão em um período da vida de grandes mudanças, em que buscam estruturar-se por meio do estabelecimento de um estilo de vida que perdure nos anos seguintes. Essa é uma etapa importante em que é preciso buscar a consciência sobre a própria vida. É um momento mágico!

Trecho 2: “Essa coisa estarrecedora da nossa sociedade onde as pessoas se aposentam muito cedo e acham que a felicidade está em não fazer nada, em não trabalhar, uma visão muito caótica sobre o trabalho. A gente não deve trabalhar em algo que não gostamos, mas devemos buscar algo que gostamos e nos envolvermos com isso. Com o passar da idade não há necessidade de ter um trabalho tão forte, mas ter alguma coisa para aprender, uma obrigação, uma responsabilidade, algo que nos realize e nos faça sentir bem, porque isso é muito importante, é comum ver pessoas de 50 anos bastante acabadas, numa situação de entrega, e quanto mais ela fica parada, mais ela vai ficando com mais dificuldade em fazer o movimento, **mais encarquilhada, mais atrofiada**, e nota-se mesmo que uma estarrecedora maioria **tirou o movimento de suas vidas**, o movimento físico e mental, pois não estão envolvidas em nenhum desafio, em nenhuma atividade, tentando superar algum obstáculo, mas sim **achando que a vida já acabou**. O movimento faz toda a diferença, aos poucos, de maneira agradável e gradativa, suavemente, irá trazer toda a jovialidade de volta.”

Com relação aos termos “encarquilhada” e “atrofiada”, eles qualificam, segundo o que foi dito anteriormente pelo autor, as pessoas que não praticam atividade física e acabam perdendo as suas habilidades motoras mais aguçadas, envelhecendo com maior rapidez. Parece haver, neste caso, uma associação feita pelo autor entre o corpo humano e o estado em que fica uma máquina caso ela não seja utilizada por longo período. Os termos escolhidos são, contudo, muito informais e de sentido excessivamente negativo, o que

pode acabar causando estranhamento ao leitor pelo exagero semântico que apresenta. Desse modo, os termos são impróprios a uma escrita voltada para a divulgação de um trabalho por meio de informações com base científica. É preciso que intervenções textuais sejam feitas com o objetivo de adequar os termos utilizados pelo autor a esse contexto de enunciação. Tais intervenções serão sugeridas abaixo.

No próximo trecho, novamente, a metáfora VIDA É UM RECIPIENTE é retomada em “tirou o movimento de suas vidas”, uma forma de ressaltar a importância do exercício físico para um maior aproveitamento da vida, tendo em vista a brevidade dela – ideia que é destacada pela figura de um recipiente. A vida é, neste caso, vista como um conjunto de atividades inseridas em um recipiente. A expressão “o movimento” é empregada pelo autor em um sentido generalizado, que engloba qualquer atividade física, forma comumente utilizada no contexto esportivo de enunciação. Tal metáfora foi bem utilizada pelo autor tendo em vista o seu objetivo de incentivar a inserção do exercício físico nas atividades cotidianas das pessoas.

A metáfora VIDA É UMA HISTÓRIA também aparece em “achando que a vida já acabou”. Nesse trecho, ela está relacionada ao medo do ser humano da chegada da morte, a fase da vida de maior obscuridade. O período de envelhecimento é também tido como uma etapa pouco compreendida e de pessimismo, pois há a crença de que, nessa fase, o corpo não apresenta mais as habilidades que eram anteriormente possíveis. Nota-se aqui o fato de que determinada metáfora pode destacar diferentes aspectos de um conceito. A metáfora VIDA É UMA HISTÓRIA aparece diversas vezes no texto e, mesmo destacando assuntos relacionados no contexto em questão, traz perspectivas distintas em relação a ele. Essa é uma metáfora utilizada apropriadamente pelo autor, com o intuito de mostrar o resultado que a prática de exercícios físicos pode trazer: o aumento da vitalidade e, conseqüentemente, da longevidade.

Com o intuito de reduzir o exagero semântico e a inadequação de vocábulos utilizados na apresentação de metáforas – “encarquilhada” e “atrofiada” – o revisor poderia sugerir as seguintes correções.

Sugestão do revisor: Vivemos em uma sociedade em que as pessoas se aposentam muito cedo por acharem que a felicidade só é possível após a conclusão do trabalho, uma visão bastante distorcida. Devemos gostar e nos envolver com o que fazemos, tendo em vista que com o passar dos anos não há necessidade de trabalhar com algo que exija muito de nós, mas de ter um trabalho que nos traga aprendizado e responsabilidades que nos façam sentir realizados. É comum encontrarmos pessoas de 50 anos desmotivadas, que não praticam atividade física e vão ficando com mais dificuldade de movimentar-se. Além de terem tirado o movimento de suas vidas, há pessoas que não realizam atividades mentais. Achando que a vida já acabou, elas acabam sem ter os desafios que as mantêm vivas. O exercício físico feito de maneira agradável e gradativa traz ao praticante muita vitalidade.

Trecho 3: “A pessoa aos quarenta anos passa por aquele momento dramático porque ela percebe que não é mais uma criança, já se percebe **os reflexos do que foi feito aos 20 anos, as oportunidades que passaram**, o quanto ela lidou mal com a vida, o quanto se deixou de aproveitar momentos preciosos, **atormetada pela ganância, por essa exigência do mercado**, a se dar cada vez mais para o trabalho, **a produzir cada vez mais**, a se envolver cada vez mais com sua profissão, muitas vezes esquecendo da família, dos amigos e o mais importante: esquecendo-se dela!”

O trecho “os reflexos do que foi feito aos 20 anos, as oportunidades que passaram” é embasado na metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO. Sabe-se o quão recorrente é a busca por uma definição do conceito de “tempo”, pois sua concepção é de grande complexidade. Por via metafórica, o tempo é relacionado ao movimento, o que evidencia o seu caráter mutável e imprevisível, no sentido de que os acontecimentos na vida estão constantemente surgindo e, dessa forma, não é possível nos antecipar a eles. Nesse trecho, o autor enfatizou adequadamente, por meio da metáfora explicitada, essa volatilidade das oportunidades que surgem na vida com o passar do tempo. Este, que nunca para, faz com que não estejamos preparados para grande parte dos benefícios que ele possa nos trazer. O autor

propõe que a atividade física é um meio de estar mais preparado para receber e aproveitar essas ocasiões propícias.

No fragmento “atormetada pela ganância, por essa exigência do mercado”, palavras que denotam emoções como ganância e exigência são tidas como entidades controladoras da ação humana. Dessa maneira apresentadas, ressaltam o lado sentimental do homem, que é, por vezes, influente em suas decisões e atitudes. Em sua obra, o autor dá ênfase a esse controle exercido pelas emoções, pois acredita que o indivíduo que não pratica atividades físicas não consegue ter o domínio sobre si mesmo e, conseqüentemente, sobre o rumo de sua própria vida, não sendo capaz, assim, de adquirir uma postura que lhe traga bem-estar. Por esse viés, fica claro que o pensamento de Nuno Cobra é fundamentado em metáforas como MAU É PARA BAIXO, EMOCIONAL É PARA BAIXO; BOM É PARA CIMA, SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA e TER CONTROLE OU FORÇA É PARA CIMA.

A expressão “a produzir cada vez mais” evidencia outra vez a metáfora TEMPO É DINHEIRO, visto que o autor critica fortemente o sistema de trabalho atual, o qual valoriza pouco o bem-estar e a saúde do trabalhador e objetiva somente alcançar lucros por meio da velocidade da produção no trabalho. Tal metáfora foi empregada corretamente no texto do autor.

Trecho 4: “Os 40 anos é um momento trágico, **porque cai uma porção de fichas**, vamos dizer assim, e a pessoa se dá conta de que passou muito rápido dos 20 aos 40 e ela aos 40 se contempla como uma pessoa insatisfeita, pois não conseguiu coisas que pretendia, que seriam coisas materiais, uma vida com mais tranquilidade econômica, mais reservas, e que ela pudesse ter uma vida menos exigente profissionalmente. E ela se dá conta também, pelo lado espiritual, que **ela está se aproximando de uma etapa decisiva da vida dela**, aonde ela irá **enfrentar uma situação em que começa de certa forma uma decida** mais que culturalmente, então de maneira cultural, da nossa cultura, **começa a descida da montanha.**”

A metáfora sugerida pelo fragmento “porque cai uma porção de fichas” é, novamente, MENTE É UMA MÁQUINA, que relaciona a compreensão

humana que ocorre em um momento específico com as máquinas que precisam de fichas para dar partida ao seu funcionamento. Nessa analogia, tanto a mente, quanto a máquina passam a agir após determinado evento. Outra metáfora que pode estar relacionada a esse caso é IDEIAS SÃO PRODUTOS, tendo em vista que algum processo anterior às ideias (e ao funcionamento mecânico) deve ocorrer para que elas surjam. No entanto, essa é uma metáfora que foi utilizada de forma inadequada para o gênero em que está inserida, cujo objetivo é de divulgar o trabalho do autor apresentando os benefícios da atividade física, e presume, portanto, uma proximidade maior com a norma culta da língua. A expressão “porque cai uma porção de fichas” é demasiadamente incomum e informal para esse contexto enunciativo e deveria ser retirada em uma revisão do texto a fim de aproximá-lo da língua-padrão.

A próxima metáfora – VIDA É UMA HISTÓRIA – presente no trecho “ela está se aproximando de uma etapa decisiva da vida dela”, destaca a maneira como concebemos nossa vida: os fatos que a compõem são tidos do mesmo modo que as passagens de uma história. Mais do que isso, as etapas sugeridas no trecho são caracterizadas como distintas. Elas se diferenciam pelo grau de importância que podem ter para as mudanças possíveis de ocorrer ao longo da vida. A “etapa decisiva” não é apenas um determinado momento da vida, mas aquele que trará consequências, assim como em uma história há passagens que desencadeiam um novo rumo para o enredo. Desse modo, a metáfora contribui para o propósito comunicativo do autor e enriquece o sentido do texto, ressaltando que, em determinado momento da vida, iniciar a prática de atividade física é uma importante decisão, como ele sugere.

A “descida” a que se refere Nuno Cobra em “enfrentar uma situação em que começa de certa forma uma descida” é metafórica. As pessoas tendem a conceber o envelhecimento como uma descida cujo final é a morte, tendo em vista que VIDA É PARA CIMA e DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO. Talvez, a relação entre “descida” e “morte” ocorra devido à associação entre a imagem da morte e o caixão debaixo da terra e, portanto, com orientação para baixo. Na concepção do autor, PASSIVO É PARA BAIXO e o exercício físico, que é ativo e traz saúde, é para cima, visto como algo que traz felicidade, que também é para cima.

É notório o caráter orientacional das metáforas que o autor utiliza. Contudo, como é comum em sua escrita, o exagero e o emprego de metáforas convencionais por meio de estruturas impróprias faz com que elas se tornem inadequadas. É o caso da expressão “descida da montanha”, em que a linguagem excessivamente literária fica destoante, considerando-se o gênero e o contexto em questão, bem como o propósito comunicativo do autor e o público-alvo que ele quer atingir.

O revisor poderia sugerir uma diminuição do uso de expressões demasiadamente informais que são utilizadas pelo autor em estruturas metafóricas – assim como em “porque cai uma porção de fichas”. Essa sugestão poderia ser apresentada com o intuito de reduzir a ocorrência de termos cujas características são próprias da oralidade e que, se utilizados frequentemente, podem prejudicar a credibilidade que o autor quer passar a um possível interessado em seus serviços.

Sugestão do revisor: Essa é a idade em que ocorre a conscientização e o descontentamento em relação ao tempo passado. As pessoas percebem que não conseguiram a vida que queriam: com mais tranquilidade econômica e menos exigência profissional. Elas se dão conta que estão se aproximando de uma etapa decisiva da vida delas, em que irão enfrentar situações difíceis.

Trecho 5: “O que eu gostaria de deixar bem claro para o leitor é que não existe descida nenhuma, é um momento de glória, porque a pessoa está em condições excepcionais de magnificência de vida, e que os 40 anos trazem mais benefícios do que malefícios, pois é quando se tem mais experiência, **já errou o suficiente para aprender muito** e se pode fazer uma abordagem da vida mais magnífica ainda do que aos 20, porque a pessoa torna-se mais encorpada e está mais incorporada para lidar com a vida de maneira mais correta aproveitando mais os momentos. O que deve-se entender, é que nesses 40 anos, **ao invés de começar essa descida do caminho há ainda uma subida muito grande**, em que ela pode conseguir materializar muitas coisas extraordinárias, é praticamente um novo nascer, **é o nascedouro da vida**, pois **a pessoa incorporada pela experiência** e com o corpo em absoluta

plenitude, ela pode fazer todas as coisas no aspecto físico que ela fez ou faria com 20 anos. [...] Não é a toa que as pessoas por volta dos 40, 50 anos conseguem resultados extraordinários, como inclusive vimos nas Olimpíadas, uma nadadora de 41 anos **subiu ao podium!** E a natação é um esporte que exige demais do corpo humano, do físico, da resistência cardiovascular, da força!”

Em “já errou o suficiente para aprender muito”, a metáfora VIDA É UMA ESCOLA reflete uma associação que é de senso comum em nossa sociedade. Entendemos a vida como uma sucessão de acontecimentos que envolvem erros, acertos, obstáculos e conquistas, assim como ocorre durante o processo de aprendizado institucionalizado. Tal compreensão nos leva ao constante aprimoramento pessoal. Por meio dessa metáfora, o autor busca ressaltar que, apesar de as pessoas encararem o envelhecimento de forma negativa, ele pode ser considerado favorável se pensarmos que são as experiências que trazem sabedoria e tornam as pessoas capazes de fazer escolhas com maior consciência. Para o autor, não é apenas nesse sentido que o indivíduo pode se desenvolver com o passar dos anos, mas também em relação ao desempenho físico, contrariando o que acredita a maioria das pessoas. Com a correção do erro gramatical em relação à concordância do verbo “errar”, a metáfora VIDA É UMA ESCOLA estaria adequada ao texto, pois o enriquece semanticamente, o que acrescenta, ao propósito comunicativo do autor, o de destacar que os exercícios físicos podem ser praticados em qualquer idade.

No trecho metafórico “ao invés de começar essa descida do caminho há ainda uma subida muito grande” percebe-se que o autor tenta desconstruir a crença comum de que o envelhecimento é um momento de perdas, para, então, realçar os ganhos que as pessoas podem ter nessa fase. As metáforas SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA, DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO estão relacionadas ao pensamento de Nuno Cobra e interligadas à metáfora VIDA É UMA VIAGEM; viagem essa cujas descidas e subidas advindas do caminho percorrido representam os resultados negativos e positivos alcançados com as experiências. No entanto, o emprego frequente desta metáfora torna a escrita do autor bastante repetitiva e possivelmente cansativa

ao leitor devido à consequente ausência de progressão de ideias. Em um trabalho de revisão textual, seria uma das tarefas para o revisor reduzir o número de vezes em que essa metáfora é utilizada no texto, uma vez que é, também, trabalho do revisor observar a frequência com que determinadas metáforas aparecem no texto a fim de diversificar as ideias apresentadas. Ressalto, mais uma vez, a relevância do conhecimento a respeito de metáforas que o revisor deve ter para aperfeiçoar o texto nesse sentido.

Propondo uma nova visão acerca do conceito de envelhecimento, Nuno Cobra utiliza uma metáfora literária cujo significado é de renascença: “[o período de envelhecimento] é o nascedouro da vida”. Justificando a metáfora, o autor afirma que essa é a fase em que a pessoa está “incorporada pela experiência”, o que sugere a associação entre experiência de vida e bagagem adquirida durante uma viagem. Essa associação incomum está ligada à metáfora VIDA É UMA VIAGEM. Apesar de ser compreensível esse conceito metafórico, constato que essa não é uma forma convencional de referir-se a “experiência”, o que me leva a pensar que esse seria um caso de criação do próprio autor, recurso inadequado ao contexto de enunciação.

Em “subiu ao *podium*”, a metáfora BOM É PARA CIMA evidencia o caráter cultural das metáforas conceituais. O *podium* para recebimento do prêmio da vitória não poderia ser uma descida nesse evento de comemoração, uma vez que o vencedor deve estar em uma posição em que pode ser visto para ser parabenizado, portanto, deve ocupar um lugar de maior destaque; a orientação “para cima” admite esse posicionamento. Essa metáfora é bastante representativa do sentido de “vitória” que o autor procura passar com seu texto e quer alcançar com seu trabalho: a vitória sobre as limitações do corpo e a satisfação do cliente. A ação de “subir ao *podium*” é metafórica e simbólica para o texto, contribuindo para o significado dele, principalmente, na medida em que se aproxima do final e a mensagem positiva deve permanecer.

Considerando as incorreções presentes no texto de Nuno Cobra, discutidas nos parágrafos anteriores e devidas, por vezes, à inadequação ao gênero discursivo e ao desconhecimento linguístico do autor em relação às metáforas, sugiro abaixo intervenções que poderiam ser feitas em um trabalho de revisão.

Sugestão do revisor: É importante ficar claro que esse não é um período de declínio como é costume acreditar, é um momento de vitória, pois nessa idade as pessoas têm mais experiência de vida, já erraram o suficiente para aprender muito, sabem lidar melhor com as situações cotidianas, e podem, assim, aproveitar com mais intensidade os momentos que vivem. É preciso entender que, aos 40 anos, é possível concretizar muitos objetivos, pois essa é uma fase em que as pessoas são capazes de fazer o que elas faziam quando tinham 20 anos, elas estão em um momento em que o metabolismo está equilibrado, tanto o anabolismo (processo referente ao desenvolvimento de músculos) quanto o catabolismo (processo relacionado à perda muscular). Há pessoas, nessa idade, que conseguem resultados excelentes. Como nas Olimpíadas, uma nadadora de 41 anos subiu ao *podium*, considerando que a natação é um esporte que exige muito do corpo humano em geral.

Trecho 6: “Nós temos ainda hoje um respeito pesado sobre a idade cronológica e isso ficou marcado de uma maneira muito negativa no século passado e ainda atinge o começo deste novo século, **colocando as pessoas com uma carga muito pesada nos ombros com o passar dos anos**. Hoje está havendo uma pequena modificação nisso, há dez, doze anos atrás, uma pessoa de 40 anos já começava a dar uma descida no campo profissional e no campo esportivo a descida começava aos 30 anos.”

A metáfora presente nesse fragmento destaca a busca do autor por desconstruir a crença de que as pessoas mais velhas devem ser tratadas com muito respeito por serem mais fragilizadas. Nuno Cobra associa a velhice com a carga que o trabalhador deve transportar em serviços braçais. O autor propõe que essa visão da velhice, como um período de fragilidade em que é necessário um cuidado frequente com a saúde, acaba estigmatizando as pessoas que estão nessa fase: elas se sentem assim como são vistas. Nesse sentido, o autor fundamentou sua explicação nas metáforas ESTAR SUJEITO A FORÇA É PARA BAIXO e DOENÇA É PARA BAIXO, visto que os idosos são tidos como pessoas com maior possibilidade de adquirir doenças. Esse é um

trecho em que as construções semânticas ocorrem em sentido metafórico, porém, de maneira imprópria. É possível compreender o pensamento e as associações que o autor apresenta. No entanto, constato que a exposição de suas ideias ocorre inadequadamente: a relação entre a “carga pesada nos ombros” e a velhice acarreta certo exagero semântico em função do significado negativo e pouco polido que apresenta a expressão “carga muito pesada” – uma associação metafórica que não se relaciona muito bem no contexto em que se insere. Por mais que o autor busque enfatizar a crença equivocada na incapacidade física das pessoas mais velhas, o exagero pode causar dúvidas ao leitor em relação à veracidade de sua escrita. Assim, o revisor sugeriria, considerando a intenção do autor, a retirada dessa associação metafórica.

Sugestão do revisor: Assim como vem acontecendo desde o século passado, atualmente há um respeito excessivo às pessoas de maior idade, o que acaba sendo negativo para elas. Porém, algumas mudanças já são percebidas. Há aproximadamente 10 anos, as pessoas começaram a ter menor rendimento no campo profissional aos 40. Em relação aos esportistas, essa fase iniciava-se aos 30 anos de idade, momento em que eles atingem o apogeu de seu desempenho.

Trecho 7: “Os 40 anos é uma idade maravilhosa, pois é aquele momento em que a pessoa se encontra **no seu auge físico, mental e emocional**, dando a ela condições ímpares de **galgar postos mais elevados, de crescer em todos os seus sentidos**, tanto na vida particular como na profissional e de **estar no seu maior rendimento**, [...] **é a idade em que ela vai dar um salto de produtividade, um salto de desempenho**, melhorando muito sua performance, física, esportiva, cultural, social e seu desempenho profissional, **porque aos 40 a vida abre para a pessoa**, ela está muito mais em equilíbrio do que a pessoa de 20 anos, ela dá muito mais valor para o momento em que está vivendo, até porque passa-se com muita rapidez pelos 20, 30, e **não se degustou muito os prazeres que a vida oferece** em sua eloquente qualidade, **absorvendo com mais detalhes o momento presente, valorizando mais a vida**, percebendo mais as coisas, **começando a ver mais**

do que a maioria das pessoas vê pouco. É uma idade de muita plenitude, de muita conquista, onde começa a sabedoria que é totalmente diferente do conhecimento.”

É notável o peso que têm as metáforas orientacionais nos textos de Nuno Cobra. Elas estão fortemente relacionadas aos conceitos de saúde, de equilíbrio e de felicidade, palavras-chave que são utilizadas com o intuito de promover o trabalho do treinador. A orientação PARA CIMA é recorrente em sua escrita, e está, na maioria das vezes, vinculada aos conceitos de positividade, de busca e de superação.

O termo “auge”, no fragmento “a pessoa se encontra no seu auge físico, mental e emocional”, apresenta essa carga semântica orientacional PARA CIMA, assim como a expressão “galgar postos mais elevados”, que tem o sentido de competitividade e de busca por uma melhora constante no desempenho físico – característica da atividade esportiva em relação à atividade profissional. Ainda enfatizando a possibilidade de desenvolvimento humano, o autor afirma haver “crescimento em todos os sentidos”, momento em que o indivíduo vai “dar um salto de produtividade, um salto de desempenho”. Ele repete a mesma ideia metafórica muitas vezes, ressaltando ainda mais a prolixidade presente em sua escrita, causada, em diversos excertos do texto, pelo mau uso de metáforas. Estas já garantem, por si mesmas, maior expressividade ao texto, sendo desnecessária a sua utilização repetidas vezes. Os “saltos de produtividade e desempenho” lembram a produtividade do empregado no meio empresarial. Essa construção deveria ser retirada no processo de revisão do texto, visto que a ideologia do autor é no sentido de, justamente, reduzir a relação do indivíduo com o trabalho e ampliar seus momentos de cuidado com o corpo e com a saúde.

Em “aos 40 a vida abre para a pessoa” o autor sugere o termo “vida” como uma entidade, justamente para destacar a ideia de aumento da vitalidade, um dos resultados do treinamento físico que o autor oferece. Mais diante, no trecho “não se degustou muito os prazeres que a vida oferece”, há relação entre a maneira de vivenciar os prazeres da vida com o processo de degustação. Essa relação pode ser vista como metonímica na medida em que

a degustação é um dos prazeres da vida e está, no trecho citado, sendo apresentada em relação a todos os prazeres que a vida possa apresentar. A ação de degustar é bastante significativa e amplia a carga semântica presente na ação de aproveitar a vida, que é o que também sugerem os seguintes fragmentos: “absorvendo com mais detalhes o momento presente, valorizando mais a vida”. Nesse caso, o termo “absorvendo” remete a um dos processos de digestão, essa que é iniciada na degustação e termina com a absorção dos nutrientes, deixando ainda mais clara a analogia feita entre esse processo biológico e a experiência de vida pela utilização dos sentidos em sua potencialidade. Contudo, da maneira redundante como a ideia é apresentada – “absorvendo com mais detalhes o momento presente, valorizando mais a vida, percebendo mais as coisas, começando a ver mais do que a maioria das pessoas vê pouco” –, dando um caráter excessivo de abstração à sua escrita, o efeito pretendido pelo autor pode acabar sendo o contrário.

Ao final, no trecho “começando a ver mais do que a maioria das pessoas vê pouco”, a metáfora CAMPOS VISUAIS SÃO RECIPIENTES é evidenciada. Essa metáfora representa uma forma de o homem restringir o seu campo de visão tendo em vista que a magnitude que ele apresenta é de difícil delimitação. Admitir o campo de visão como algo delimitado amplia a possibilidade de comparação entre diferentes visões, assim como facilita a compreensão daquilo que se vê. Desse modo, no texto de Nuno Cobra, o sentido metafórico reforça a ideia de que o atleta é aquele cuja visão alcança maior amplitude, em comparação com aqueles que não praticam atividade física. Em mais uma das construções impróprias que o autor apresenta, “vê pouco”, no período citado, coloca em destaque o pensamento fragmentado do autor refletido em seu texto excessivamente emotivo, redundante e descuidado.

Tendo em vista o perfil de um suposto leitor dos textos do treinador físico, assim como a intenção do autor de propagar o seu serviço, é necessária a redução das abstrações que foram apresentadas no texto citado, a fim de torná-lo mais objetivo e, conseqüentemente, mais claro e atraente para o leitor. Nesse sentido, algumas intervenções textuais são aqui sugeridas.

Sugestão do revisor: Os 40 anos são uma idade de plenitude, de muitas conquistas e em que há condições de crescimento tanto pessoal, quanto profissional, uma vez que é a idade em que a vida se abre para as pessoas e elas estão muito mais equilibradas para aproveitar o instante presente. É a idade em que elas passam a perceber as situações com mais detalhes, pois esse é o momento em que adquirem maior sabedoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise feita dos textos escritos pelo treinador físico Nuno Cobra, e retirados do *site* em que ele divulga o seu trabalho, foi constatado que o autor, frequentemente, apresenta metáforas conceptuais em sua escrita. Contudo, a maneira como ele emprega as metáforas é, por vezes, inadequada e redundante. Tal exagero semântico prejudica a objetividade e clareza de seus textos e distancia-os da norma-padrão, o que pode diminuir a credibilidade que o treinador quer passar a um suposto contratante de seus serviços. Foi constatado que o autor deveria adequar seus textos à modalidade padrão da língua, uma vez que a sua finalidade comunicativa é de vender os seus serviços por meio da exposição de informações que possam conscientizar o público-alvo da importância da prática de exercícios físicos.

Como foi possível observar nos textos, é evidente a presença recorrente de metáforas no discurso cotidiano e, mais do que isso, a influência que elas exercem na produção de sentido. Isso demonstra que o conhecimento acerca de metáforas é muito importante para o trabalho do revisor de textos, uma vez que ele precisa adentrar-se no universo semântico-pragmático do texto para, a partir dele, analisar as estruturas textuais que o compõem.

É interessante perceber que as construções metafóricas estão muito interligadas ao propósito comunicativo do autor e à forma como ele atinge o leitor, visto que elas são constituídas culturalmente e, portanto, produzem um efeito de sentido que enriquece o texto e a comunicação entre os interlocutores. Nesse sentido, o revisor deve analisar metáforas sempre tendo em vista o contexto de enunciação e os aspectos discursivos que envolvem o texto, para, desse modo, questionar-se a respeito da forma como essas construções se apresentam, se são enriquecedoras para o texto, se são destoantes em relação às características que o texto deve apresentar, se aparecem em associações adequadas etc. Considerando esses aspectos, o revisor pode interferir em construções metafóricas de forma mais segura.

No processo de revisão dos textos de Nuno Cobra, verifiquei que muitas das intervenções que devem ser feitas estão relacionadas à forma pouco usual com que o autor utiliza conceitos metafóricos. Assim, por meio da exposição da

análise dos dados, busquei sugerir intervenções possíveis de serem feitas sobre textos em que as metáforas estiveram não apenas presentes, mas influentes na construção do sentido, comprovando a necessidade da revisão de metáforas no trabalho do revisor de textos, mesmo nos novos suportes trazidos pela Era da Comunicação em Rede Virtual.

REFERÊNCIAS

- COELHO NETO, A. *Além da revisão; critérios para a revisão textual*. Brasília: Editora Senac, 2013.
- COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DAVIDSON, D. O que as metáforas significam. In: SACKS, S. (Org.) *Da metáfora*. São Paulo: Educ./Pontes, 1992, p.35-51. LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Maria Sophia Zanotto (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MACEDO, S. D. *As múltiplas faces da revisão de texto*. Brasília: UniCEUB, 2010.
- _____. *As contribuições da análise de discurso crítica e da multimodalidade á revisão textual*. Brasília: UnB, 2013.
- MAFRA, J. J. *Ler e tomar notas: primeiros passos da pesquisa bibliográfica: orientações para produção de textos acadêmicos*. 2. Ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.; XAVIER, A. C. (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p.15-80.
- NUNO COBRA. Disponível em: <WWW.nunocobra.com.br>. Acesso em: 26 out. 2014, às 15h.
- PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Editora do Autor, 1998.
- PASCHOAL, M. S. Z. Em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora. In: PONTES, E. *A metáfora*. Campinas: Unicamp, 1990. p.115-129.
- PONTES, E. Metáforas temporais em português coloquial. In: PONTES, E. *A metáfora*. Campinas: Unicamp, 1990.
- RIBEIRO, N. C. *A semente da vitória*. 102. ed. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- _____, N. C. *Nuno Cobra corpo e mente*: Disponível em: <<http://www.nunocobra.com.br/>> Acesso em 26 de outubro de 2014.
- ROCHA, H. *Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2012.

SILVA, F. C. O. O uso de metáforas e a construção de identidades étnicas. In: VIEIRA, J. A. (et al). *Olhares em análise de discurso crítica*. Editora: VIEIRA, J. A. (et al). Brasília: www.cepadic.com, 2009.

TOLENTINO, M. Muito além das metáforas. In: PONTE, E. *A metáfora*. Campinas: Unicamp, 1990.

ZANOTO et al., Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Maria Sophia Zanotto (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 2002.